

Conclusão

Desencadeado pelo tema *Diálogos com a alteridade nas obras literárias de Albert Camus e de Paul Bowles*, este percurso nestes labirintos textuais constituiu uma tentativa de análise de algumas das múltiplas facetas da interação ocidental com a alteridade num espaço e tempo determinados: o Norte de África, durante e após a Segunda Guerra Mundial e subsequente período de descolonização. Dentro dessa delimitação diegética, interrogaram-se, em momentos separados, os textos literários dos dois autores tendo-se concluído pela presença de um imaginário em torno da alteridade, assente no discurso orientalista e colonialista questionado pelos Estudos Pós-Coloniais; isto é, um imaginário fundamentalmente baseado em preconceitos raciais que distinguem entre um "nós" superior e um "eles", ou, para retomar a designação utilizada, um "Outro" colonizador de um "outro" colonizado.

Quais fios de Ariadne, "Algumas reflexões sobre o Pós-colonialismo", orientaram a investigação presente. Neste primeiro capítulo, estabeleceu-se uma síntese das principais perspectivas críticas que constituem os Estudos Pós-Coloniais, destacando-se alguns aspectos da elaboração teórica de Edward Said exposta em *Orientalism*, a qual é tributária do conceito de discurso de Michel Foucault. Num segundo momento, numa tentativa de definir o que se entende por Estudos Pós-Coloniais, apresentaram-se alguns dos principais contributos teóricos neste âmbito, destacando-se as propostas de uma representação do "outro" pelo lado da perspectiva não eurocêntrica de Gayatri Spivak e de Homi Bhabha. Sublinhou-se, também, o impacto sobre as teorias pós-coloniais dos retratos do colonizado

e do colonizador de Albert Memmi, nomeadamente a sua perspectiva sobre a relação colonial, e de Frantz Fanon, que versa os processos políticos e psicológicos de submissão dos colonizados.

A exegese de alguns momentos da obra literária de Albert Camus, atenta às imputações de colonialismo e mesmo racismo de Edward Said em *Culture and Imperialism*, possibilitou algumas constatações. A principal abona no sentido da análise saidiana: a omissão e mesmo negação dos efeitos perversos da ocupação colonial afirmam a existência, se não de pressupostos racistas, pelo menos de um subconsciente colonial.

A leitura de *L'Étranger* permitiu evidenciar uma representação omissa no que toca à sociedade colonial, suavizando e distorcendo a essência da autoridade francesa, que, contrariando a verosimilhança do enredo, dificilmente condenaria à morte um europeu pelo assassinato de um árabe. Com base neste homicídio, em artigo publicado no *France-Observateur*, edição em parte dedicada a Camus por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, Henri Krea aborda a postura política camusiana, salientando o seu cariz racista: "Le meurtre de l'Arabe est la réalisation subconsciente du rêve obscur et puéril du *petit blanc* que Camus ne cessera jamais d'être" (sem p.). Esta é sentença severa que não transmite a complexidade anímica de Camus, mas que se pode aplicar à sua personagem, Meursault. Com efeito, sem serem abertamente de cariz racista, as suas palavras e sobretudo o seu comportamento para com os autóctones revelam preconceitos raciais característicos dos colonos de classe média – os "pieds-noirs", representados pelo casal Janine e Marcel em "La Femme adultère" –, que participam do discurso binário do processo de "outremização" ou de "desumanização", segundo Memmi. Como se observou, tais preconceitos determinam, consciente ou inconscientemente, posturas racistas expostas numa desvalorização da identidade que, em *L'Étranger*, culmina com a negação da própria vida.

Também a ausência de personagens autóctones na ficção camusiana, total no caso de *La Peste* ou devidamente individualizadas nas restantes narrativas - exceptuando-se Saïd em "Les Muets" e o prisioneiro em "L'Hôte" -, é argumento incontestável da crítica de Said, que as escassas descrições de Kaddour, Saddok, Tahar ou ainda Tamzal em *Le Premier Homme* não refutam. Com efeito, na exegese das narrativas observou-se que a opção de afastar a entidade árabe permite uma perspectiva universal da condição humana. Contudo, ao evitar qualquer representação geopolítica da sociedade colonialista, o autor coloca a alteridade à margem do discurso, impossibilitando qualquer dialéctica, visto estabelecer o "outro" no mundo do silêncio e da invisibilidade.

Do mesmo modo, em *La Chute*, narrativa da nostalgia das paisagens e clima mediterrânicos, constatou-se que a apreciação de Camus - crítica do imperialismo holandês com omissão do caso francês na Argélia - adquire um "carácter universal" (Fitch 50) que lhe permite manter-se afastado do conflito franco-árabe, numa postura deliberada de neutralidade, de silêncio: "mutismo ensurdecedor" (*La Chute* 1477) para alguns, insustentável em tempos de guerra para muitos.

Quer por silenciamento, quer por negação, a representação camusiana da realidade colonial revela, com efeito, algum reducionismo, o que não invalida, todavia, a crítica ao universo colonial francês e a condenação da política colonial. São estes aspectos que se evidenciaram na leitura dos contos reunidos em *L'Exil et Le Royaume*.

Em "Le Renégat ou un esprit confus", comprovou-se que a veemência do conflito franco-árabe subjuga a obra camusiana, sendo que a metáfora do deserto, como *locus* de regeneração, simboliza, neste texto, a violência do colonialismo. Através da desventura do missionário que ambiciona civilizar, subjugar e colonizar os "selvagens", Camus expõe, ironicamente, a sua crítica face à demissão política francesa e ao fracasso da sua "mission civilisatrice", revelando ainda o seu pessimismo relativamente à possibilidade de

comunicação entre duas culturas que, num mesmo espaço sócio-político, apresentem sistemas de valores irreduzíveis. Neste aspecto, "Le Renégat" indicia uma percepção maniqueísta que afasta qualquer relação entre as culturas cristã e pagã e, por extensão, entre colonizador e colonizado. Na leitura deste conto estabeleceu-se também um paralelo entre o "espírito confuso" e aquele Camus que, ciente da sua impotência face ao conflito, não consegue conceber perspectivas diferentes da sua ao problema argelino, nem estabelecer uma crítica francamente directa ao colonialismo francês.

Na exegese de "La Femme adultère", apesar de alguns indícios da grande tensão política entre franceses da Argélia e a comunidade muçulmana, desvendou-se a forma como Camus privilegia a componente espacial, mormente o deserto como *locus* de regeneração espiritual e de revelação da identidade. Com efeito, os autóctones integram aqui um quadro idealizado em detrimento de uma perspectiva política da realidade que, todavia, transparece na relação colonial, ou seja, na manifestação de estereótipos de ordem racial ao encontro do "outro", especialmente por parte de Marcel, personagem emblemática da classe média colona.

É esta realidade que Camus procura ocultar em "Les Muets", conto no qual descreve a crise do pequeno e pobre meio operário da sua infância. De pretensões realistas, este texto expõe, todavia, uma percepção idealizada da sociedade argelina: uma sociedade de coexistência fraternal entre o colono e o autóctone na qual se detectaram, ainda assim, indícios da relação colonial, tais como a desvalorização das capacidades intelectuais e a infantilização do "outro". O autor retrata uma realidade - a miséria dos pequenos colonos que era ainda maior entre os autóctones -, mas culpabiliza unicamente a industrialização, silenciando tanto as causas históricas, como o conflito colonial particularmente veemente aquando da escrita do conto.

A distorção da História verifica-se também aquando da justificação da miséria da população do Sul por Daru em "L'Hôte", mormente a expropriação colonial, que é uma das causas geralmente apontadas do empobrecimento da população autóctone. Em termos de ficção, "L'Hôte" é o testemunho mais directo da posição de Camus sobre os motivos da revolta da população autóctone e sucessiva guerra da Argélia, e ilustra os problemas da Argélia colonial com mais subtileza. Todavia, observou-se que o autor evita a polémica política ao considerar o aparecimento do nacionalismo argelino, não como revolta contra o colonialismo francês, mas como consequência de desigualdades entre as duas comunidades e sobretudo como sequela da fome extrema que, na década de 1950, fustigava a população, mormente a autóctone.

Para além da percepção autoral do contexto sócio-político, em que também se salientou a ênfase dos aspectos humanos no conflito argelino e a denúncia de comportamentos aviltantes e politicamente pouco felizes por parte da administração colonial francesa, analisou-se a duplicidade dos sentimentos do protagonista face à alteridade.

A selvajaria, estereótipo do discurso colonial, característica principal do povo de Taghâsa em "Le Renégat", está igualmente patente nas escassas descrições do árabe morto por Meursault, temível porque portador de uma faca, e dos árabes ameaçadores porque retratados em grupo anónimo. Similarmente, como comprovado em "L'Hôte", a apreensão do prisioneiro árabe por parte de Daru é, apesar das variadas exteriorizações de abertura ética à sua alteridade, a materialização de juízos de valor de índole racista, que participam do imaginário orientalista e que, originando receios endémicos, impossibilitam, na perspectiva camusiana, a efectivação da relação com o "outro", mormente em tempos de conflito.

A idealização política, estabelecida a partir do silenciamento ou da distorção de factores políticos históricos, detectada na obra de Camus, encontra eco em *Le Premier Homme*. Com efeito, verificou-se aqui que a negação histórica está igualmente presente no retrato da saga dos primeiros colonos. A evocação dos périplos da chegada em território adverso e dos confrontos sangrentos com uma população "primitiva e selvagem", em oposição à transformação dos campos em férteis terrenos de cultivo e à harmonia no relacionamento entre colonos e autóctones, pode ser entendida como tentativa de justificação da ocupação e como idealização da condição colonial que omite a perspectiva do colonizado. A falta de equidade observada - prolífero em pormenores chocantes no tocante aos crimes cometidos pelos autóctones, Camus é discreto quando se trata da culpabilidade colonial - denuncia valores predominantemente etnocêntricos, sentimentos vulgares do colonialista que procura convencer os outros dos benefícios do seu domínio, isto é, legitimar a colonização.

A leitura de *Le Premier Homme*, narrativa na qual Camus pretendia celebrar a Argélia tanto dos colonos como dos autóctones, permitiu evidenciar que, tal como foi publicada, ela testemunha a realidade da coexistência política e social de duas comunidades distintas na religião, na cultura e nos direitos cívicos e políticos: uma comunidade de origem europeia que mantém uma relação de superioridade com os autóctones, e uma população autóctone que, sem estar omissa da narrativa, é marginalizada e reduzida a actividades subalternas, na realidade quase excluída da sociedade, pois nem a organização social nem as suas actividades religiosas ou culturais são tema de narração. No tocante à representação da sociedade autóctone, este esboço camusiano apresenta os três tipos de "outremização" definidos por Spivak: a exploração física do território, o denegrir e o hiato entre um "nós" e um "eles".

No entanto, constatou-se que em *Le Premier Homme*, mormente na primeira secção, o antagonismo característico da atmosfera relacional entre as duas comunidades abre espaço a uma atmosfera isenta de tensões, apresentando mesmo um sentimento de fraternidade que ultrapassa as questões políticas, uma abertura ao "outro" que se revela participar de uma sociedade idealizada e até mesmo utópica. Com efeito, Camus retrata uma sociedade unida perante a adversidade, contra a administração colonial e os seus julgamentos e condenações arbitrários. Esta associação seria a base de um estado federalista, ideal em termos humanos, utópico, considerando-se a intrincada conjuntura política dos anos cinquenta: o fim do colonialismo, que não o fim de imperialismo francês.

A exegese desta narrativa inacabada, por ser essencialmente biográfica, foi primordial no estudo dos diálogos camusianos com a alteridade. O'Brien afirma que Camus é "intensamente europeu" (103), omitindo uma parte constitutiva crucial da sua identidade: a norte-africana. Com efeito, notou-se que a procura de afirmação de identidade, tema essencial de *Le Premier Homme*, se elabora em volta de um sentimento de dupla alienação, tanto face ao francês da metrópole, como face ao autóctone. A identificação do autor como "pied-noir" constitui-se em volta de um vazio cultural e religioso - "sans mémoire et sans foi" (215) -, e da ambivalência da sua relação com a população autóctone. Nas poucas páginas que constituem o último capítulo - "Obscur à soi-même", título indicativo da ilusão da procura de identidade -, salientou-se a percepção do "outro" como ser constituinte da sua identidade, como parte integrante das suas "raízes obscuras e entrelaçadas"(303). Em última análise, a leitura desta obra permitiu confirmar a identidade de um homem dilacerado entre as suas convicções políticas e os seus sentimentos relativos à Argélia. Concluiu-se que Camus é, de facto, fruto de um vazio cultural e histórico característico dos franceses da Argélia, essa "raça bastarda, feita de misturas imprevistas" (*L'Été* 848), um indivíduo híbrido, entre Próspero e Cáliban, moldado pelo país onde nascera e crescera, e pela

presença do autóctone que ama e respeita como igual, mas que marcara o seu imaginário, o seu inconsciente como figura do "outro" incompreensível e assustador; medos ancestrais derivados do imaginário orientalista que impossibilitam a existência de relações profundas entre as comunidades.

Nesta perspectiva, a descrição da sociedade argelina patente em *Le Premier Homme* corroboraria a asserção de O'Brien e de Said de que a obra de Camus reproduz o racismo na Argélia colonial. Ainda assim, considera-se a crítica saidiana demasiado radical por concluir que Camus, cidadão e escritor, participava da ideologia colonial, sem ponderar os seus ensaios e artigos jornalísticos; sem apreciar devidamente textos como "Le Renégat" que, apesar do primitivismo autóctone evocado, é uma crítica severa à política colonial francesa, em especial à vanidade da sua missão civilizadora, ou ainda "L'Hôte" e *Le Premier Homme* que, apesar de indiciarem receios ancestrais que participam do imaginário orientalista na apreensão da alteridade, revelam uma idiosincrasia profundamente fraternal e humana.

Contrariamente ao considerado por Said, defende-se que é difícil afirmar inequivocamente (até mesmo pelo estilo irónico de Camus), que esta ou aquela atitude ou palavra de carácter etnocêntrico ou racista das personagens, sejam reflexo de convicções políticas ou sociais do autor, e não vontade deliberada de denunciar a sua existência efectiva no meio colonial a que pertencia. O discurso social reflecte a ideologia da época e da sociedade a que pertencia; sociedade que considerava a Argélia como pátria, mas recusava, na sua grande maioria, partilhar direitos e prerrogativas com a população autóctone. O fosso económico e sócio-político entre as duas comunidades era uma realidade inegável, veementemente denunciada por Camus.

Contudo, no tocante ao fosso cultural, considera Lionel Dubois que, devido à educação escolar exclusivamente francesa – facto reiterado pela crítica (vd. *supra*, p. 54) e

por Herbert Lottman e Olivier Todd, seus principais biógrafos -, o árabe não era desprezado mas ignorado, facto que terá levado o autor a não retratar a população autóctone por honestidade intelectual:

L'Arabe, en tant que tel, était non pas méprisé, mais ignoré et ... cela était peut-être dû ... à la formation scolaire uniquement française de Camus qui ne connaissait pas l'arabe et qui s'était penché très tôt sur les oeuvres littéraires françaises ... et la culture exclusivement française à l'école. Je crois qu'il avait continué sur cette lancée, et faisant de la littérature, il s'est considéré comme un écrivain français, traitant de thèmes français, ... et même s'il est méditerranéen et fait l'éloge de la Méditerranée, ... c'est comme un hommage à la Grèce antique qui est la source de la culture occidentale. C'est dans ce sens-là, ... qu'il n'avait pas à parler de la culture arabe, car il n'avait pas été façonné par cette culture. Ce n'est pas qu'il la méprisait, mais sans doute, ne la connaissant pas assez, il ne voulait pas parler de choses qu'il ne connaissait pas. Et ne connaissant pas la langue, il avait d'autant plus de difficulté à entrer en contact avec des gens qui étaient des gens du peuple ..., il ne pouvait pas en rendre compte fidèlement, et ne pouvant pas en rendre compte fidèlement, je pense qu'il les a laissés de côté, par honnêteté peut-être. (Dubois 139-40)

Camus escreveu sobre o que conhecia, sobre a Argélia francesa com olhos de "pied-noir", o que levou estudiosos como Said a censurá-lo, como o fizeram muitos dos seus contemporâneos de facções opostas, que o criticavam pelas suas posições no tocante à questão colonial.

Como sublinhou Octávio Paz, Camus (vd. *supra*, p. 205) não conhecia suficientemente nem a língua árabe nem a cultura muçulmana para poder dar testemunho honesto do povo com que convivia, mas, apesar do olhar eurocêntrico, a sua obra é um testemunho vivo do encontro de culturas marcado pelo povo, luz, som, cheiro e empatia pela África do Norte.

Rambert, em *La Peste*, declara: "... je suppose que vous n'avez rien à perdre dans tout cela. C'est facile d'être du bon côté" (*La Peste* 1352). O que era "estar do lado bom"

para Camus, para um homem dilacerado entre duas lealdades e ideais, entre duas pátrias, a da razão (a França) e a do coração, (a Argélia)? À pergunta deu resposta na sua carta ao *Encounter*, afirmando-se do lado dos inocentes, contra o terrorismo:

Français, je ne puis m'engager dans les maquis arabes. Français d'Algérie, et dont la famille est exposée sur les lieux mêmes, je ne puis approuver le terrorisme civil qui frappe d'ailleurs beaucoup plus les civils arabes que les français. On ne peut pas me demander de protester contre une certaine répression, ce que j'ai fait, et de justifier un certain terrorisme, ce que je ne ferai jamais. (Textes, *Essais* 1878)

Camus não era um nacionalista argelino nem um colonialista convicto, antes um homem preso entre o "exílio e o reino", cuja obra diz muito da Argélia e da sua comunidade, que não da população autóctone, e diz muito de toda a humanidade, em última instância.

No terceiro capítulo do percurso analítico desta tese, observou-se a representação da interacção com a alteridade norte-africana na obra ficcional de Bowles, de modo a detectar, à semelhança do que sucedera com Camus, a presença de um discurso orientalista sobre o "outro" e analisar em que moldes as suas narrativas participam ou não de uma ideologia colonialista sua contemporânea.

Em "Tea on the Mountain", Bowles rememora a Tânger do início dos anos trinta, uma cidade política, social, financeira e sexualmente atractiva para os ocidentais. Para além de descrever a defectividade do encontro de culturas, devido à presença de juízos de valor, ocidentais e autóctones, que desvirtuam a essência da alteridade, verificou-se a denúncia de alguns efeitos perversos da colonização e ocidentalização da cultura árabe. Na verdade, o conto, sem ser paradigmático em Bowles, anuncia a obra subsequente: a atracção pelo desconhecido; a solidão da mente contemplativa numa cultura que nunca é plenamente

apreendida; o desejo e a impossibilidade da relação genuína entre culturas. Todavia, não narra os efeitos dramáticos do confronto com a alteridade, como em "A Distant Episode". Aqui, Bowles revela o seu potencial literário na representação da interacção com a alteridade e na da desintegração da identidade que daí pode advir; representação em que se destacaram, por um lado, a presunção ocidental na relação com o "outro", o qual, por seu turno, oculta a sua identidade e recusa a assimilação; e por outro, a presença de diversos estereótipos do discurso orientalista, tais como a perfídia e a selvajaria que, ao motivarem sentimentos ambivalentes - misto de atracção e repulsa (Bhabha 75) - determinam a impossibilidade de transposição cultural e a ineficiência do diálogo entre raças.

No capítulo sobre a leitura de *The Sheltering Sky* analisou-se a procura de identidade do ocidental no contacto com a alteridade geográfica e humana norte-africana. Nesta narrativa, a viagem pelo Sara participa da tentativa vã de esquecer a tristeza e o desespero da vida, assim como de fugir à civilização estigmatizada pela guerra e a modernização, em suma, de encontrar a felicidade. Psicologicamente fragilizados, à partida, por questões existenciais e pouco permeáveis à adversidade do deserto e dos seus habitantes, esta demanda revela-se desastrosa, pois resulta em perda de identidade e de vida. No confronto com a alteridade geográfica, evidenciou-se a importância do deserto enquanto símbolo de transparência e de pureza da alma, uma força capaz de facultar momentos de proximidade com o infinito, mas também o contacto com o vazio e a solidão que, ao desencadear sentimentos niilistas, seduzem Port mas aterrorizam Kit.

Salientaram-se a crítica ao colonialismo, se bem que amenizada e mesclada com alguma nostalgia, e o recurso à simbologia muçulmana, nomeadamente para assinalar a desventura das suas personagens. Este recurso indicia a idiopatia bowlesiana pelas questões culturais magrebina e o seu fascínio pela alteridade que, nesta narrativa, é, porém, apenas tela de fundo à diegese ocidental.

Na interacção ocidental com o "outro", assinalou-se a presença de tropos do imaginário orientalista, quer nos juízos de valor de cariz racista, quer no sentimento de alienação face o "outro". Com efeito, apesar de diferentes na sua essência, a demanda de identidade das personagens, Port e Kit – o primeiro privilegia a componente geográfica da alteridade, enquanto a segunda pretere a humana – está condenada ao fracasso, já que nenhuma consegue superar o seu egocentrismo para se abrir à alteridade, ao "outro". Apesar de algum respeito demonstrado pela sua cultura, as condições sociais e a extrema pobreza dos autóctones suscitam apenas algumas reflexões simplistas a Port, que, em última análise, ignora totalmente a sua presença – caso do jovem árabe que, no entanto, o carrega pelas ruas de El Ga'a. O "outro" é, num primeiro tempo, menosprezado por Kit – caso do encontro com o Senhor Chaoui - e depois idealizado a partir de padrões orientalistas, mormente como mero objecto de exotismo sexual.

No confronto com a alteridade narrado em *The Sheltering Sky*, prevalece a perda de identidade, que no caso de Port culmina na perda da própria vida. Em relação a Kit, o contacto com a alteridade parece devolver-lhe a felicidade de simplesmente existir, mas, na realidade, trata-se de uma regressão às suas tendências atávicas, exteriorizadas em repetidos episódios de exotismo sexual que participam do imaginário do misterioso Oriente, patente em diversas vertentes artísticas do século XIX. A sua regressão termina numa derradeira fuga, que sinaliza a perda definitiva de identidade.

Por último, em diversas micronarrativas de *The Sheltering Sky* comprovou-se a presença subtil de um tema querido ao autor: a alteridade muçulmana como possível alternativa ao niilismo ocidental. Com efeito, Bowles aprecia, sem abraçar plenamente, a concepção do destino e o misticismo muçulmanos.

Na interacção com a população autóctone, tanto Kit como Port se deparam com uma alteridade que não conseguem entender, em parte devido ao seu egocentrismo, mas

sobretudo às inúmeras divergências entre as culturas ocidental e oriental, nomeadamente do foro religioso. Ao longo da narrativa, Bowles deixa signos - o velho crente, o tocador de flauta – que poderiam despertar os ocidentais para perspectivas do mundo alternativas às suas, mas paradoxalmente, alheiam-se da possibilidade proporcionada pelo "outro", pois desconhecem poder encontrar-se sentido para a vida na fé.

Para evidenciar traços de ideologia colonialista na representação bowlesiana, a leitura de *Let It Come Down* investigou a evocação do espaço Tânger, que se constatou estar fundamentada na distinção entre um Ocidente política e socialmente pervertido e um Oriente regenerador, fruto do imaginário orientalista.

Procurou-se primeiro demonstrar que Bowles testemunha a corrupção sócio-política e a decadência moral de uma Tânger colonizada e explorada, quer pelas nações imperiais, quer a nível individual. A relação colonizador/colonizado transparece na exposição da mentalidade colonial dos residentes ocidentais desta cidade e na sua relação com este espaço. Bowles descreve claramente a "outremização" do colonizado na sua relação com os ocidentais, sobretudo no modo de serem vistos como "outros", logo potencialmente exploráveis.

Não obstante o olhar crítico sobre a situação político-social, constatou-se, depois, que a representação desta cidade é particularmente ideológica. Daí aquela que pode ser considerada a falta de objectividade narrativa que se revela evocação nostálgica de um espaço de liberdades sem limites e de tempos coloniais findos que, segundo a tradição orientalista, instituíam o "outro" como inferior e alvo da hegemonia ocidental.

No último momento da leitura de *Let It Come Down* notou-se que, para além de estigmatizada pela ideologia colonialista, esta narrativa também testemunha a realidade da época, mormente as consequências da influência colonial sobre a população autóctone. Este aspecto indicia a emergência do "outro" na ficção bowlesiana, uma abertura à alteridade,

especialmente na exibição da relação colonizado/colonizador marcada pela hostilidade a todos os estrangeiros num contexto pré-independência. Na relação colonial exposta neste texto, também se observou a expressão de alguns antagonismos entre culturas muçulmana e ocidental, tal como a relação com os bens materiais, e de alguns estereótipos do pensamento autóctone na relação com os ocidentais; relação onde se manifesta o bloqueio das fronteiras culturais, a "outremização" da própria identidade hegemónica (Bhabha 3).

Na representação da alteridade patente nesta narrativa predomina a crítica à ascendência colonial e ocidental sobre a cultura e mentalidade autóctone. Com efeito, Bowles censura as exteriorizações da ocidentalização que, na sua perspectiva, é uma mistura de culturas, uma imitação patética da artificialidade da sociedade de consumo europeia, que acarreta o desrespeito por muitas das mais fundamentais tradições muçulmanas. Não obstante a crítica à ocidentalização, detectaram-se indícios de uma perspectiva tutelar na evocação da alteridade, que se inscreve na dinâmica observada em *The Sheltering Sky*: a alternativa muçulmana ao niilismo ocidental. Malgrado os traços de ocidentalização, as personagens autóctones retratadas não perderam as raízes de uma cultura assente no respeito pelos mandamentos religiosos do *Alcorão*, que lhes impõem um código de conduta e uma perspectiva do mundo mais espiritual do que a ocidental, marcada pelo materialismo. Nesta contraposição implícita, Bowles enfatiza a tradição e a religião como fundamentos da sociedade marroquina que os salvaguarda face ao niilismo ocidental.

A vontade de celebrar tempos remotos e de testemunhar uma situação presente - Tânger antes do fim da Zona Internacional e da ocupação colonial – são aspectos predominantes na ficção bowlesiana subsequente, nomeadamente em *The Spider's House* e em "The Time of Friendship". No último momento da exegese da ficção bowlesiana, evidenciou-se, nestes dois textos, os contornos da nostalgia por tempos coloniais e mesmo pré-coloniais, detectada nos paralelos entre as culturas ocidental e muçulmana.

Em *The Spider's House*, importou a percepção autoral do peso da religião na identidade muçulmana, salientando-se a grande consideração pelo cariz primitivo da alteridade que se apresenta em antítese da sociedade ocidental, consideração que, ao instituir o "outro" no seu primitivismo cultural, indicia juízos de valor de cariz racista.

Através de Amar, jovem marroquino emblemático da ortodoxia na tradição e religião, Bowles expõe alguns conceitos fundamentais do islamismo e da sua autoridade no pensamento tradicional muçulmano, realçando, com algum pesar, o declínio dessa influência. Em suma, na perspectiva deste muçulmano ortodoxo, o objectivo da vida é a aprendizagem da religião, considerada a base de toda a reflexão; uma vida orientada pela submissão às leis de Alá, que, excluindo a ambição, determinam a felicidade humana. A análise do predomínio da religião na vida muçulmana permitiu aferir que, ao enfatizar a submissão muçulmana em detrimento da aspiração ocidental em controlar o destino e a vida, Bowles destaca a oposição entre cristãos e muçulmanos, mormente no que concerne a felicidade e atitude face à morte.

A ortodoxia religiosa marca a identidade desta personagem, ditando os seus comportamentos morais e regendo a sua compreensão da sociedade. Contrariando o postulado saidiano da visão unilateral na literatura ocidental, Bowles dá voz ao "outro", ao subalterno, transmitindo a sua perspectiva, o que determinou, num segundo momento deste trabalho, a análise da representação da autoridade da fé no entendimento autóctone do contexto sócio-político. Verificou-se que, no seu percurso iniciático, Amar se torna mais ciente da realidade sócio-política, embora não consiga separar o sagrado do profano. Com efeito, o despertar político não invalida um raciocínio dentro dos preceitos da educação baseada na fé, que o leva a acreditar na resolução divina de todos os problemas. Apesar da tentação em abraçar a evolução da mentalidade dos nacionalistas, a sua fé na tradição religiosa impede-o de adoptar cegamente as suas directivas intimidadoras, pois vislumbra

incompatibilidades essenciais, nomeadamente no tocante à religião e, em particular, à celebração de rituais sagrados, tais como o Aïd el Kebir, rituais animistas prezados pelo autor.

Na verdade, foi possível observar que Bowles transmite uma perspectiva supostamente autóctone, que se enquadra na sua idealização da cultura e civilização marroquinas e na crítica, tanto aos colonialistas, como aos independentistas. Estes últimos são apontados como responsáveis pela crise política e pela crise de identidade cultural, pela aculturação derivada da ocidentalização. Este fenómeno é veementemente censurado através do percurso iniciático de Amar, personagem que, na perda de ilusões, sinaliza Marrocos – é abandonado sem rumo, tanto pelos seus como pelos ocidentais -, um país, na perspectiva autoral, sem valores tradicionais que funcionem como garantes de equilíbrio e de sustentabilidade política.

Não obstante a determinação de não escrever uma narrativa política e a procura de equilíbrio entre as forças numa tentativa de manter a neutralidade, notou-se uma posição anticolonial, se bem que ambígua. Contudo, em *The Spider's House*, detectaram-se fortes indícios de idealização do contexto sócio-político marroquino e da identidade muçulmana, que permitem concluir que esta narrativa testemunha uma realidade idiossincraticamente marcada. Com efeito, na relação das diversas personagens ocidentais com a alteridade prevalecem sentimentos profundamente solipsistas, quer na vontade de manter um *status quo* político garante dos seus privilégios coloniais, caso de Stenham, quer na vontade de mudanças sócio-políticas, no sentido de uma ocidentalização que também priva o "outro" da sua autodeterminação, caso de Lee Burroughs. Através da análise das micronarrativas envolvendo Stenham, personagem que, em muitos aspectos, aparenta ser o *alter-ego* de Bowles, procurou-se definir a relação autoral com a alteridade norte-africana. Assim, observou-se que a expatriação para Marrocos e a dilecção por Fez se devem à

conformidade da alteridade autóctone com a idealização de uma sociedade primitiva. Na sua perspectiva, este primitivismo afigura-se uma terapia ao seu niilismo ocidental, nomeadamente na atitude de submissão religiosa que determinaria uma felicidade sem questionamentos; um estado de inocência que é a principal matéria do seu fascínio pela identidade muçulmana.

Na sua idealização não existe espaço para a modernização, pois acredita que a procura de progresso só acarretará um desenraizamento total, uma perda irremediável de identidade. Logo, é com nostalgia e amargura que constata a subversão desses valores, designadamente na ocidentalização estética (gosto pelos signos da sociedade de consumo ocidental e destruição do património arquitectónico, sendo que, neste domínio, Bowles defende a ingerência colonial) e moral, que se revela no abandono das tradições e dos rituais religiosos. Na verdade, através de Stenham, Bowles representa a nostalgia perante um mundo condenado a desaparecer pela inevitabilidade do devir histórico. Todavia, na exteriorização desta nostalgia - idealização da identidade tradicional e procura de um espaço regenerador -, observaram-se indícios de uma perspectiva romântica que subscreve o imaginário orientalista ao expor o desejo de *status quo* colonial e mesmo pré-colonial que nega a uma sociedade o direito a evoluir política, social e culturalmente.

No último momento da exegese de *The Spider's House*, analisou-se a presença de tropos orientalistas na percepção da alteridade. Constatou-se que, apesar da idealização da identidade muçulmana, Bowles não considera os marroquinos seres superiores. Antes recorre a estereótipos de índole racista quando, por exemplo, considera que a irascibilidade e a irracionalidade do seu comportamento advêm de uma propensão natural para a irreflexão, ou ainda que a superficialidade e a falta de sinceridade são partes integrantes da identidade marroquina. Observou-se que, ao caucionarem estereótipos do colonizado, tal como o "oriental malicioso" (Bhabha 95), os juízos de valor de Stenham, baseados numa

apreensão global e não individual, participam da dialéctica orientalista, contrapondo um "eles" repreensível a um "nós" eticamente correcto. Considerando a privação de individualidade um sinal de despersonalização do colonizado, pois remete-o para o colectivo anónimo ao privá-lo de caracterização diferencial (Memmi 104), concluiu-se que a sua percepção do "outro" é, de facto, especulativa e indicia preconceitos raciais.

Em *The Spider's House* é incontestável a abertura no sentido da comunicação com o "outro", da percepção e representação efectivas da sua alteridade. Porém, a mensagem de Bowles sobre a relação entre ocidental e autóctone é pessimista: se o primeiro sai imune do confronto, o segundo, dilacerado entre duas culturas nas quais não se reconhece, acaba literalmente abandonado a um livre-arbítrio para o qual não está preparado, o que indicia o aspecto "mais dramático" da colonização; isto é, a descolonização, ou seja, o abandono do "outro", após corrupção por valores ocidentais.

Este pessimismo relativamente à relação entre autóctone e ocidental é reiterado em "The Time of Friendship", conto onde Bowles retoma parte dos seus temas predilectos, mormente a crítica, quer aos colonialistas, quer aos independentistas sobre a destruição de um ideal geopolítico e a nostalgia por tempos coloniais e pré-coloniais remotos. Na análise deste conto, subordinada ao tema "Da impossível relação com o 'outro'", verificou-se uma representação mais penetrante da complexidade do confronto entre duas culturas, uma fundamentalmente islâmica e outra cristã.

Neste conto, Fräulein Windling corporiza a essência dos sentimentos que animam a grande maioria das personagens ocidentais de Paul Bowles face à alteridade, ou seja, a fuga ao niilismo ocidental e a tentativa vã, relativamente comum na sua geração, de regresso à natureza e de integrar uma cultura arcaica em detrimento da sua identidade. Na exegese deste texto, observou-se que o diálogo desta ocidental com a alteridade é, em parte, bem sucedido – a amizade com Slimane, o jovem muçulmano é efectiva e recíproca – mas está

condenado ao fracasso, quer por motivos decorrentes da identidade da protagonista, quer por motivos de ordem política.

Com efeito, toda a concepção da alteridade desta personagem se baseia na procura daquela que considera ser a pureza cultural que acredita poder encontrar no deserto. Contudo, a sua admiração pela identidade cultural primitiva suscita uma posição crítica relativamente aos indícios de ocidentalização notados na população autóctone; crítica que indicia o seu egocentrismo e ainda uma postura colonialista, visto fundamentar-se em estereótipos que participam do imaginário orientalista, como a preguiça que Memmi indica como uma das características míticas do colonizado. Toda a interacção da protagonista com a alteridade procede da vontade de coadunar a realidade à sua idealização da identidade primitiva. Esta postura impossibilita, por um lado, uma percepção exacta da sua ingerência na identidade autóctone que, paradoxalmente, ao interferir, seja na educação do jovem, seja nos hábitos do oásis, é um instrumento de desvirtuação cultural; postura que se inscreve na dinâmica de assimilação da política colonial. Por outro lado, a realidade colonial também carece de objectividade, visto cingir-se, fundamentalmente, à crítica da sua intervenção na paisagem geográfica e humana autóctone, ao que considera ser uma desfiguração do seu carácter primitivo. No âmbito da tradição orientalista, deduz-se que Fräulein Windling ambiciona preservar uma identidade cultural idealizada, mas é confrontada com a força inexorável da História e com a vontade autóctone de modernização.

Bowles reitera aqui o seu pessimismo relativamente às relações humanas e, principalmente, à dificuldade em estabelecer contacto quando existem fortes divergências culturais, sobretudo do foro religioso. Contudo, também os aspectos políticos interferem no desenvolvimento e na efectivação da amizade entre a ocidental e o jovem muçulmano. Com efeito, constatou-se que, na perspectiva bowlesiana, o regime colonial também entrepõe barreiras sociais entre raças, por exemplo, o acesso à sala de jantar do hotel é proibido aos

autóctones à hora de jantar. Além disso, assinalou-se que o autor atribui a subversão da vida do oásis e a impossibilidade da efectivação da amizade, à crescente rebelião contra o regime colonial. Em última análise, expressão axiomática do pessimismo e da nostalgia autoral, o "tempo da amizade" termina com o fim da era colonial.

Em "A Talk with Paul Bowles" Phillip Ramey argumenta: "I've noticed that you are perfectly happy with the filthy medinas and villages of Morocco because they are picturesque. In that sense, you're a colonialist. You don't care how people live" (sem p.). Bowles não desmente, limitando-se a questionar, à semelhança da sua personagem Stenham, se os autóctones pretenderiam viver de outro modo. Ademais, pondera o caso de haver quem deseje modernização, ainda que "sem a sua ajuda" (Ramey, sem p.).

Na verdade, a obra literária de Bowles reflecte a sua vida de escritor e compositor expatriado, cativado pela alteridade geográfica e humana magrebina. O seu fascínio pelo primitivismo, assim como por alguns aspectos da religião muçulmana, apontados como possíveis alternativas ao niilismo ocidental, revela-se na idealização das culturas tradicionais; idealização estigmatizada pela nostalgia por tempos coloniais e mesmo pré-coloniais que indicia estereótipos do discurso colonialista e participa de convenções orientalistas. Contudo, acredita-se que, nos seus diálogos com a alteridade, não era intenção de Bowles representar programaticamente, segundo a tradição orientalista, uma suposta superioridade ocidental, mas sim abrir espaços de interpretação e de reflexão sobre nós, sobre o "outro" e sobre o mundo, através da pluralidade das vozes e perspectivas expressas – ocidentais e orientais.

Interrogar em momentos separados os diálogos com a alteridade nas obras literárias de Albert Camus e de Paul Bowles possibilitou uma exegese mais minuciosa da

representação da interacção ocidental com a alteridade magrebina, nomeadamente do recurso consciente ou inconsciente a tropos dos discursos orientalista e, seu corolário, o colonialista.

Estabelecer em termos comparativos uma análise pormenorizada das diferenças entre os dois autores em apreço e as suas abordagens da alteridade seria tarefa que ultrapassaria o âmbito desta tese. Com efeito, apesar das afinidades apontadas na introdução, mormente a sensibilidade filosófica e a mesma paixão pela alteridade geográfica, são inúmeras as divergências entre eles. Camus fora exilado do que considerava as suas raízes identitárias pelas contradições da política imperialista francesa. Como expatriado, Bowles entrou no universo norte-africano atraído pela sua desconformidade com a América, pelo seu exotismo cultural e vivencial, possibilitado pela relação colonial. Pensa-se, por exemplo, no consumo de drogas e na libertinagem, sendo a interacção sexual entre ocidentais e autóctones tema recorrente da sua ficção que, por seu turno, Camus não aborda, pelo menos directamente.

Como muito "pied-noir", Camus era fundamentalmente ignorante da língua e cultura árabes. Este desconhecimento confinou a sua percepção, apesar da relativização e da perspectiva mais subtil da situação sócio-política proporcionadas pelo exílio e pelo afastamento do conflito. Não sendo patriota e por motivos inerentes à sua posição de expatriado, ou seja, como pessoa a que pode ser negada a residência, Bowles pretendia não se envolver politicamente. Contudo, a sua vida de contínua relação com a população autóctone, o seu domínio da língua e o seu interesse pela sua cultura tanto musical como literária⁸⁰, assim como os seus ensaios e a sua obra de ficção testemunham uma postura anticolonial; postura todavia complexa por indiciar sentimentos reaccionários relativamente à independência e ao futuro dos países do Magreb, mormente de Marrocos.

⁸⁰ Bowles gravou e traduziu, entre outros, os contos narrados oralmente por Mohammed Mrabet e Mohamed Choukri. Apesar da reticência do poder colonial e de alguns autóctones letrados, gravou a música popular magrebina; gravações que, até à data, permanecem, sem qualquer trato, na Biblioteca do Congresso.

Para além da representação existencialista comum, nomeadamente do absurdo inerente à condição humana após a Segunda Guerra Mundial⁸¹ e não obstante as divergências sócio-políticas entre os autores, na leitura das suas obras detectaram-se identidades ao nível dos diálogos com a alteridade, cujo denominador comum é o receio ocidental ante a diferença do "outro".

Estigmatizado por sentimentos ambivalentes de atracção e de repulsa, o encontro com a alteridade, representado nas narrativas analisadas, nunca é plenamente efectivo. Em "La Femme adultère", a atracção de Janine pelo "outro" desperta a sua feminilidade mas cinge-se a uma sublime comunhão com o deserto. Por seu turno, Kit também sente o apelo do deserto em *The Sheltering Sky*, mas as suas relações com o "outro", quase exclusivamente do foro sexual, indiciam comportamentos atávicos próximos da loucura, que desvirtuam a essência ética do encontro. Em *Le Premier Homme* e em "L'Hôte", em *The Spider's House* e em "The Time of Friendship", narrativas que partilham a característica de revelarem dados autobiográficos, este encontro parece ser efectivo – os protagonistas mantêm relações éticas e amistosas com os autóctones -, mas revela-se, na verdade, fruto de idiosincrasias sócio-políticas que se exteriorizam numa percepção idealizada da identidade e da relação com o "outro".

A semelhança mais notória entre as narrativas dos dois autores, encontra-se, sem dúvida, nas histórias narradas em "Le Renégat" e em "A Distant Episode". Estes contos abordam os aspectos essenciais, recorrentes com intensidade variável em toda a sua ficção, da relação com a alteridade: a atracção pelo "outro", pela sua cultura primitiva, e a presunção da sua assimilação, quer no sentido da adopção dos seus valores – o "going

⁸¹ Richard Lehan, em *A Dangerous Crossing: French Literary Existentialism and the Modern American Novel*, analisa a presença do Existencialismo na literatura Norte-americana. Em "Existentialism in Recent American Fiction: The Demonic Quest", aborda mais concretamente o Existencialismo de Camus, a sua influência sobre a literatura americana, nomeadamente sobre Bellow, Wright, Ellison e Bowles, apontando as semelhanças: "The new American hero is similar to the French existential hero because he shares a common world and a similar world view" ("Existentialism" 181). Contudo, defende que Sartre e Camus não levaram o conceito do absurdo às conclusões extremas de Bowles" ("Existentialism" 181).

native" -, quer no da sua ocidentalização; assimilação que, por seu turno, o "outro" recusa. Ambos os processos, na perspectiva dos autores, resultariam na desintegração da identidade do ocidental. Também nestes contos é manifesto o recurso a estereótipos do discurso orientalista, como a perfídia e a selvajaria, que determinam a impossibilidade da relação com o "outro"⁸².

A exegese das obras seleccionadas permite concluir que este pessimismo é, provavelmente, o que melhor define a sensibilidade dos autores face à efectividade da relação com o "outro". "L'Hôte" e "The Time of Friendship" parecem ser os textos que melhor evocam esse pessimismo. Apesar da manifesta disponibilidade e aberturas éticas à diferença, quando se equacionam juízos de valor que participam de um imaginário construído em estereótipos do discurso orientalista sobre o "outro", e quando os aspectos históricos e políticos se associam para obstar qualquer amizade, a relação com a alteridade e o encontro de culturas é, na perspectiva de Camus e de Bowles, impossível. Em última análise, o "outro" – o prisioneiro em "L'Hôte", Amar em *The Spider's House* e Slimane em "The Time of Friendship" – é abandonado pelo colono, pelo ocidental a um livre-arbítrio para o qual, na perspectiva dos autores, não está económica, social e politicamente preparado, sinalizando, deste modo, a situação territorial em vésperas de descolonização e o seu pessimismo ante o futuro pós-colonial.

Através da exegese circunscrita ao tema *Diálogos com a alteridade nas obras literárias de Albert Camus e de Paul Bowles*, pensa-se ter observado a existência de um imaginário, não somente europeu, mas também americano, ou seja ocidental, que se insere

⁸² A publicação de "A Distant Episode" é anterior à de "Le Renégat". Todavia, a falta de registos não permite dar por certa tal influência. Segundo se julga saber, Camus nunca referenciara a Bowles nem à sua obra. As semelhanças na narração podem perfeitamente ter origem em relato de algum acontecimento de que os autores tiveram conhecimento nas suas viagens pelo Magreb.

nos parâmetros do discurso orientalista definido pelos principais percursos teóricos dos Estudos Pós-Coloniais.

Laboratório do imaginário, a literatura, *locus* da expressão dos diálogos com a alteridade, procura aceder à consciência no "outro" e, em retorno, a respostas epistemológicas fundamentais. O texto literário expõe e participa da formação de um imaginário sobre o "outro", assente num discurso amiúde estigmatizado por estereótipos orientalistas. Todavia, acusar este ou aquele autor de veicular ideologias racistas, nomeadamente quando se considera, como Said, tanto o que está expresso no texto, como o que fora excluído - exegese que permite todo o tipo de leituras -, é procurar inscrever a todo o custo as narrativas no axioma, segundo o qual as obras literárias ocidentais participam do processo imperial e proporcionam, para um público essencialmente europeu, uma representação politicamente marcada da alteridade (Said, Introduction xiv). Esta é uma perspectiva redutora de parte da literatura ocidental, da obra de Camus em particular, que dificilmente poderia explicar a obra de Bowles. Defende-se que mais do que transmitir ideologias pessoais, os textos destes dois autores testemunham uma realidade sócio-política sua contemporânea, uma sociedade ocidental colona fundamentalmente preconceituosa e racista. Neste sentido, recordem-se as palavras de Harrison em defesa de Camus, que se coadunam a Bowles. Este crítico observa não se poder assumir ser o narrador forçosamente um "porta-voz" ou um *alter-ego* do autor:

Again, a critic is likely to point out there is a highly distinctive narrative voice, and a personal narrator who cannot be assumed to be a spokesperson for the author; so, again, it could be argued that it is impossible to state with certainty that any racist assumptions and attitudes are Camus's rather than just Meursault's, and the critic might justify their presence in the text in terms of realism and the *vraisemblance*, and/or of a distanced and perhaps distancing representation of those attitudes as such. (64)

Apesar das múltiplas divergências de educação e de vivências que determinaram as suas identidades culturais e que, consciente ou inconscientemente, estigmatizaram as suas obras, Albert Camus e Paul Bowles demonstraram estar igualmente cientes da realidade colonial, da injustiça e racismo europeus na sua relação com o "outro", mas igualmente receosos de um futuro pós-colonial. Em última análise, as suas obras testemunham os diálogos ocidentais com a alteridade numa região – o Magreb -, num determinado momento da sua História; diálogos que, mais de meio século depois, mantêm a sua actualidade.

No termo desta investigação, permanece a consciência da sua incompletude, do aspecto fragmentário da análise dos diálogos com a alteridade, nomeadamente na análise exaustiva das manifestações do discurso orientalista nas diferentes obras, portanto esta exegese não pode ser considerada definitiva. Com estes *Diálogos com a alteridade nas obras literárias de Albert Camus e de Paul Bowles*, espera-se proporcionar alguns contributos para possíveis leituras, quer da obra camusiana e bowlesiana, quer a de outros autores e, com toda a humildade, contribuir para o universo da crítica e interpretação literárias.